

# A CARTA DE CAMINHA NOS MANUAIS DIDÁTICOS: MODOS DE LER

ALICE ÁUREA PENTEADO MARTHA\*

**RESUMO:** Este estudo procede à análise da proposta de leitura da *Carta de Caminha*, veiculada no livro *Literatura. História & texto* (vol.1), de Samira Campedelli (Saraiva, 1999), para o Ensino Médio, contrapondo-a aos resultados de uma Oficina de Leitura, realizada a partir dos pressupostos da Estética da Recepção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estética da Recepção; Livro Didático; Oficina de Leitura; Carta de Caminha.

CAMINHA'S LETTER IN THE DIDACTIC MANUALS: WAYS OF READING

**ABSTRACT:** A reading suggestion on Caminha's Letter found in the book *Literature: History and Text* (Vol. 1) by Samira Campedelli, published by Saraiva Publishing House in 1999, is provided. Working on the foundations and theory of the Aesthetic of Reception, the analysis is confronted with results from a Workshop on Reading.

**KEY-WORDS:** Aesthetics of the Reception; Didactic Book; Workshop on Reading; Caminha's Letter.

---

## INTRODUÇÃO

Em consonância com o eixo transversal sugerido pela LDB, que propunha o estudo da *Carta de Caminha* como forma de comemoração dos 500 anos de Brasil, este estudo pretendeu observar, em um primeiro momento, a proposta de leitura para a *Carta*, veiculada por um manual didático dirigido ao ensino médio, uma vez que se sabe que os professores vêem esses manuais como fonte segura para a prática diária

---

\* Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá – UEM – 87020-900 – Maringá – Estado do Paraná – Brasil.

da leitura em sala de aula. Em uma segunda etapa, o estudo procurou indicar modos diferenciados de ler o texto, de maneira que o professor pudesse não só encontrar alternativas para a leitura do texto literário em geral (e não apenas a *Carta*), bem como reconhecer e valorizar atividades que, porventura, venha a propor, além dos limites do livro didático.

A coleção escolhida para a análise da leitura do texto da *Carta de Caminha* foi *Literatura. História & Texto* (Vol. 1), de Samira Y. Campedelli (1999), por ser bastante conhecida por professores das escolas da região do noroeste do Paraná. Quanto à proposta de um modo diferenciado de ler a “certidão de nascimento” do país, decidiu-se pelo relato de uma Oficina de Leitura, preparada e ministrada por integrantes de um Projeto de Ensino (*Literatura e ensino*), alunas do 4º ano de Letras, da Universidade Estadual de Maringá, a partir dos pressupostos da Estética da Recepção.

Se a proposta é de leitura da *Carta*, há que se considerar não só o modo de inserção desse texto na Literatura Brasileira, ou seja, como literatura de viagens, gênero bastante difundido no século XV, na Península Ibérica, mas também as concepções de leitura que sustentam o trabalho.

Não se pode, nos primórdios do século XVI, falar em Literatura no Brasil, já que havia apenas relatos de viagens, vazados, muitas vezes, em linguagem impressionista, marcada pela visão eufórica de seus autores. Entretanto, o texto de Caminha, ainda que de caráter predominantemente informativo, deve ser lido como texto fundador da Literatura Brasileira, pois não só serviu de modelo para obras posteriores como ainda se prestou, no início do século XX, especialmente com o advento do Modernismo, no Brasil, a inversões preciosas, construções irônicas e paródicas.

Já, no que tange às concepções que norteiam o trabalho e tendo como ponto de partida o princípio que a leitura da literatura é uma modalidade privilegiada, na qual a liberdade e o prazer são ilimitados, entende-se que a recuperação do hábito de leitura depende da dinamização do processo, encetada pelo leitor. No caso, um leitor que toma assento nos bancos escolares. Pelos preceitos valorizadores da recepção, a leitura intenta estabelecer coerências significativas entre os signos e inclui a modificação tanto das expectativas do leitor quanto da informação armazenada em sua memória. Sob esse aspecto, o ato de ler passa a ser visto como uma busca intencionada de significado por parte do leitor, o que pode aproximar a visão da leitura postulada pela Teoria da Recepção à descrição de leitura veiculada pela Psicolinguística. Sob tal enfoque, o texto apresenta um efeito potencial que é atualizado pelo leitor implícito. Texto e leitor interagem a partir de uma construção de

mundo e de convenções compartilhadas, ou seja, por meio de imagens da realidade, chamadas de *repertório* e que se aliam às *estratégias* utilizadas tanto na realização do texto pelo autor como nos atos de compreensão do leitor. *Repertório* e *estratégias* constituem, portanto, a base funcional para o desenrolar do ato de leitura. (ISER, 1996)

## O MANUAL

O prefácio do livro didático em análise, dirigido ao aluno, informa que “cada um dos volumes apresenta o enfoque histórico dos períodos literários e o estudo crítico dos autores que os integram” (Campedelli, 1999, p. 03), o que, afinal, não foge ao modo tradicional de estudo de literatura proposto pelos manuais didáticos, como se pode observar na organização das unidades: introdução teórica sobre o assunto; contextualização histórica; características da escola literária em questão; apresentação dos autores mais representativos do período e fragmentos de textos para estudo. Essa transmissão estática e rígida de conteúdos reforça o equívoco da concepção da história da literatura que, congelando relações entre fatos históricos, literários e sociais, vê escolas e gêneros literários como compartimentos estanques e despreza a repercussão das obras em épocas posteriores. Dessa forma, engessa o texto, não possibilita o estabelecimento de conexões com leitores e textos de outras épocas e não deixa pistas para que o leitor possa atualizar os sentidos e, conseqüentemente, tornar a leitura mais produtiva e dinâmica.

A diferença da proposta poderia estar na preocupação com a imagem, dominante em toda Coleção. O assunto em pauta, a *Carta de Caminha*, encontra-se no capítulo 9, intitulado “Contemplação admirada, retrato de uma Colônia”, cuja abertura traz um fragmento de tela sobre o porto de Lisboa, no século XVI, repetido, inclusive, em menor tamanho, na página seguinte, sem qualquer indicação de autoria. A página ao lado estampa o quadro *Elevação da cruz em Porto Seguro*, de Pedro Peres, e, ainda, uma imagem da primeira página da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, com um pequeno texto informativo sobre o documento. Entretanto, não se pode falar em diálogo entre o verbal e o não-verbal, pois as imagens se prestam tão somente à ilustração, já que, segundo a autora, ainda no prefácio do livro, os artistas plásticos são “chamados a ilustrar todo desenvolvimento histórico-literário” (IDEM). A função de tais imagens é, portanto, meramente ilustrativa.

O tópico de história literária a ser trabalhado é “Primeiras manifestações de Literatura no Brasil”, subdividido em “Literatura de informação” e “Literatura de catequese”, e cada um deles ainda se divide

em “Painel de referências históricas” e “Características da literatura de informação e de catequese”. A análise, restringe-se, entretanto, ao tópico que trata da “Literatura de informação”. A carta do escrivão português a D. Manuel, nesse tópico, surge como mera ilustração da literatura de informação, com questões óbvias de compreensão, incapazes de propiciar qualquer incentivo ao leitor. À página 204, no tópico “Leia textos”, a autora faz uma breve introdução sobre a *Carta*, apresentando, a seguir, quatro fragmentos do texto de Caminha, seguidos por um excerto de *História da província de Santa Cruz*, de Pero Magalhães Gândavo. Na seção “Forma & Conteúdo” (IDEM, p. 207), com o intuito de promover o diálogo entre Caminha e Gândavo, a partir da intermediação do leitor, há oito questões de compreensão dos textos, muitas delas preocupadas realmente com a interação do receptor, uma vez que solicitam sua participação e tentam revelar suas descobertas e sensações no ato de leitura.

No tópico seguinte, “Atividade de criação” (IDEM, p. 208), há a sugestiva imagem de uma índia que, com o filho no colo, amamenta um filhote de porco-do-mato. A atividade proposta, a de que “o aluno encontre nos textos uma boa legenda” para a reprodução fotográfica, mostra-se bastante interessante e capaz de promover o esperado diálogo entre o verbal e o não-verbal. A última atividade relativa à “Literatura de informação”, denominada “Compreensão de texto crítico” (IDEM, p. 208), com a inserção de um fragmento sobre a *Carta de Caminha*, de Jorge de Sá, seguido de duas questões, revela, mais uma vez, a preocupação da autora do livro didático em propiciar o diálogo, com a intenção de provocar múltiplas visões em seus leitores.

Entretanto, há uma observação pertinente sobre os modos de ler a *Carta de Caminha*, veiculados no livro em questão, já que o documento permanece isolado no passado em que foi produzido. As atividades e textos propostos não puderam contribuir de forma mais decisiva para a compreensão de seu poder de influência sobre a produção e a recepção da literatura posterior. Essa ressonância, reclamada por Jauss, poderia derrubar os preconceitos do objetivismo histórico, ainda muito presentes no livro de Campedelli:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. A soma – crescente a perder de vista – de “fatos” literários conforme os registram as histórias da literatura convencionais é um mero resíduo desse processo, nada mais que passado coletado e classificado, por isso mesmo não constituindo história alguma, mas pseudo-história. (JAUSS, 1994, p. 25)

A Oficina de Leitura, atividade prática do Projeto *Literatura e Ensino*, realizada no Colégio Estadual Juscelino Kubistchek de Oliveira, de Maringá, no Estado do Paraná, com alunos do primeiro ano do ensino médio, na disciplina Língua Portuguesa, tinha como propósito a recuperação do conceito de história nos estudos literários, na medida em que propunha buscar o sentido da obra em suas múltiplas relações com a sociedade, por meio do contato com produtos culturais também marcados pela diversidade. A elaboração e realização da Oficina pautou-se, por isso, nos pressupostos de Jauss e Iser, pensadores da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito, respectivamente, que sustentam teoricamente o Método Receptional, proposto por Vera Teixeira Aguiar e Maria da Glória Bordini, em *A formação do leitor: alternativas metodológicas* (1988). O desenvolvimento da oficina levou em conta as cinco etapas que configuram o método receptional: “Determinação”; “Atendimento”; “Ruptura”; “Questionamento” e “Ampliação do horizonte de expectativas”.

Em sala de aula, o ponto de partida de uma oficina de leitura não pode se dar sobre o vazio, já que ele deve ser o meio de acesso ao horizonte de expectativas do aluno, pelo professor. Na prática em questão, a determinação do horizonte de expectativas, efetuada a partir da observação das aulas da professora da sala, pelos participantes do Projeto, anteriormente mencionado, resultou no reconhecimento de que havia grande interesse dos alunos pelo tema “Brasil 500 anos”, em razão das comemorações do quinto centenário da descoberta do Brasil. A constante divulgação do evento pelos meios de comunicação, atrelada muitas vezes a propagandas e à realização de concursos, funcionou como um chamariz para o assunto. Dessa forma, o ponto de partida foi justamente o cotidiano do aluno, responsável pelo estabelecimento e manutenção de seu horizonte de expectativas. Além disso, o tema seria trabalhado pelo professor da turma, uma vez que integra o tópico “literatura de informação”, como conteúdo programático.

Na primeira aula da oficina, das duas dedicadas ao “Atendimento do horizonte de expectativas”, após a projeção do quadro *A primeira missa*, de Vítor Meireles, os alunos foram incentivados a falar sobre a tela e, muitos deles, demonstraram certo conhecimento sobre o fato e mesmo sobre o quadro apresentado. Alguns, contudo, nunca tinham visto a cena representada na tela. Na seqüência, receberam uma tira de jornal, de Luís Fernando Veríssimo (1992), que retrata de forma bem humorada e crítica o encontro entre Cabral e os índios da nova terra. Instigados a discutir o

texto, os alunos levantaram questões sobre a estrutura verbal e a não verbal do texto, estabelecendo, inclusive, relações com a tela anteriormente projetada. Na segunda aula, os alunos leram o texto da letra de *Os argonautas* (s/d), de Caetano Veloso e, ouvida a música, passaram a discutir o texto em seus aspectos tanto lingüísticos quanto temáticos e ideológicos, procurando sempre estabelecer relações entre seu conteúdo e as informações que já traziam sobre o descobrimento do Brasil. Como atividade complementar, foi-lhes sugerida a produção de um texto não verbal, uma “tira” sobre o tema, o que foi bem aceito por eles. Os textos resultantes da atividade foram afixados em um mural na sala de aula, de modo que todos pudessem avaliar a experiência, e suscitaram muito entusiasmo entre os alunos.

Vale ressaltar que, nessa etapa do método, de “Atendimento do horizonte de expectativas”, como o próprio nome indica, os alunos devem sentir-se seguros, ter suas expectativas culturais atendidas, o que justifica o oferecimento de textos que não destoem de seu universo: letras de canções, tiras humorísticas, filmes, programas televisivos, entre outros. A forma dos textos não pode gerar ansiedade em seus leitores. Do mesmo modo, as atividades solicitadas devem ser do cotidiano e conter exercícios que não lhes tragam grandes dificuldades, como as sugeridas no desenvolvimento dessa etapa da Oficina: o debate e a criação de um texto não-verbal, a tira de quadrinho

A “Ruptura do horizonte de expectativas” ocorreu em quatro horas/aula. Nesta etapa, o material utilizado e as atividades solicitadas devem ser diferentes daquelas já vivenciadas na etapa anterior, o que configura o desafio da mudança de atitude diante do texto. É preciso, agora, priorizar o texto literário, direcionando o olhar dos leitores para o inusitado, de modo que seus horizontes de expectativas possam ser superados. Na primeira aula, os alunos tiveram contato com o poema “Pero Vaz de Caminha” (*Pau-Brasil*, 1924), de Oswald de Andrade, publicado e discutiram, após uma leitura individual, sobre suas experiências com a leitura de textos poéticos e em especial sobre as sensações com a leitura do texto de Oswald. A discussão indicou que muitos alunos sabiam que Caminha havia escrito a Carta, mas desconheciam o conteúdo e os objetivos da missiva; ainda nessa aula, leram o poema “O achamento” (*Martim Cererê*, 1928), de Cassiano Ricardo e, após a leitura individual, levantaram semelhanças e diferenças entre os dois textos, especialmente, no que se refere ao ponto de vista do “eu poético” e às questões formais, revelando já maior disposição, e mesmo conteúdo, para a atividade. Quanto às atividades previstas para as duas últimas aulas, foi-lhes solicitada uma pesquisa em livros de história e entrevistas com professores de história, para que conhecessem

melhor as condições de produção da *Carta de Caminha*. Finalmente, chegaram ao fragmento do texto do escrivão português, que causou o maior alvoroço na sala. Mesmo durante a leitura silenciosa, já se percebia certo clima lúdico. Na leitura oral, necessária até para uma discussão sobre a compreensão quase literal do texto, o acento “português” foi a grande “pedida”, o que contribuiu de forma bastante salutar para sua aceitação.

Aproveitando o clima lúdico, os alunos foram divididos em grupos, simularam uma entrevista com Caminha e procuraram satisfazer, com as questões formuladas, a curiosidade despertada pela leitura. Depois, trocaram as questões, e as respostas às diversas entrevistas foram apresentadas e discutidas no grande grupo. Desse modo, a leitura da Carta pôde propiciar também a discussão do contexto histórico, social, político e econômico em que se inseriam tanto o produtor como o receptor do texto, bem como o levantamento de aspectos da chamada “literatura de informação”, conteúdo programático a que visava a aplicação da Oficina. A título de leitura complementar, os alunos receberam o texto “A outra carta” (1999), de Sérgio Muylaert, cujo ponto de vista é do índio e não do português.

O “Questionamento do horizonte de expectativas”, realizado em duas horas/aula, buscou levar os alunos à reflexão tanto sobre o tema estudado como sobre as dificuldades de cada um nas etapas do trabalho. Os alunos elaboraram, em grupos, relatórios das atividades realizadas e produziram textos individuais sobre momentos marcantes da Oficina.

A “Ampliação do horizonte de expectativas”, última etapa do método, que resulta das anteriores, pode ocorrer em relação ao tema, ao gênero do texto, ao momento histórico e deve possibilitar ao leitor o desenvolvimento de sua capacidade de pensar a literatura em suas várias possibilidades de manifestação e de leitura, foi também realizada em duas horas-aula. A sugestão para a ampliação foi uma espécie de concurso, e os alunos que quisessem dele participar deveriam escrever uma Carta de descobrimento do Brasil, relatando sua visão sobre o país. Como a Oficina estava ocorrendo em um escola pública, por sugestão do professor da turma, para cumprir o programa de Língua Portuguesa, proposto para o ano letivo, a ampliação procurou levar o aluno a interessar-se também por outros textos e autores da literatura de informação.

Exercícios de crítica, em seu sentido mais amplo, são fundamentais para a formação do professor. O término de Cursos de Letras, de graduação ou de pós-graduação, lato ou stricto sensu, não tem sido garantia de maior empenho de docentes em questões relacionadas ao ensino, pois, via de regra, as grades curriculares não contemplam disciplinas de caráter didático, como a didática da literatura, por exemplo. Os projetos pedagógicos ignoram o lugar ocupado por seus alunos, empenhando-se em oferecer-lhes teorias lingüísticas e literárias, desligadas de qualquer reflexão metodológica; esquecem-se de que os egressos serão, acima de tudo, professores e muitos deles já atuam e devem permanecer atuando nos níveis fundamental e médio de ensino.

Entre as ferramentas mais cotidianas do trabalho docente está o livro didático e, por mais que tenha sofrido toda sorte de críticas, continua sendo, muitas vezes, o único material impresso de leitura, literária ou não, a que o aluno tem acesso. Assim, não é necessário exorcizá-lo como a um demônio enraizado nos bancos escolares, mas é preciso que o professor mantenha alerta a atitude crítica e desperto o senso de oportunidade para encontrar, por vezes, caminhos mais confiáveis nas propostas de trabalho apresentadas por tais materiais.

No caso específico do livro de Samira Campedelli, o professor tem à mão um material de excelente qualidade, elaborado com textos marcados pela diversidade da linguagem, que promovem o contato da literatura com outros produtos culturais, e com exercícios que valorizam a descoberta de sentidos pelo receptor, apesar da insistência de finalizar cada unidade com "Exercícios e testes de vestibulares". Entretanto, como a proposta do material parece estar fundada em um conceito de história literária marcado, ainda, por uma certa concepção positivista, que descreve os acontecimentos como se pertencessem ao passado, incapazes de repercutir no momento presente, a riqueza do material oferecido em cada capítulo acaba não sendo devidamente usufruída por seus leitores.

Mas não basta um bom livro. É preciso que o professor esteja preparado teórica e metodologicamente para o trabalho em sala de aula. A apresentação da Oficina de Leitura, com a *Carta de Caminha* como objeto de estudo, não teve a pretensão que as atividades fossem tomadas como modelo, ou que a Oficina fosse vista como uma receita, aplicável a qualquer situação. Na verdade, o que se pretendeu enfatizar é que o professor, ao fazer uso mecânico e sistemático do livro didático, reprime sua capacidade criativa, mas, se puder se apoiar em teorias capazes de

sustentar métodos mais coerentes de trabalho com o texto literário, poderá aproveitar o bom material veiculado em alguns manuais, dinamizando, dessa forma, suas aulas de leitura.

Recebido em: 08/10/2001

Aprovado em 06/11/2001

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de. Pero Vaz de Caminha. In: SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Literatura comentada, Oswald de Andrade*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do leitor. alternativas metodológicas*. Porto Alegre: [ s.n. ], 1988.

A CARTA de Pero V. de Caminha. In: CORTESÃO, Jayme. *Obras Completas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994.

CAMPEDELLI, Samira Y. *Literatura. história & texto*. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MUYLAERT, Roberto. A outra carta. *Revista de Bordo Varig*, v.180, p. 41-43, ago. 1999.

RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

VELOSO, Caetano. *Os argonautas: documentário – 50 anos de Caetano Veloso*. [ S.n.t. ].

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Tira de jornal. *O Estado de São Paulo*, 16 de abril de 1992. Caderno de Cultura, p. 10.